

Certo dia, no final do outono, o ouriço-cacheiro estava sentado à janela, a olhar lá para fora.

Estava sozinho. Ninguém o visitava. Se alguém por perto pensasse: «Oh, não é aqui que vive o ouriço?» e tocasse à campainha, o ouriço estaria de certeza a dormir, ou então hesitaria durante tanto tempo que as visitas iriam embora antes de ele sequer abrir a porta.

Encostou o nariz ao vidro da janela, fechou os olhos e pensou nos animais que conhecia, que estavam sempre a visitar-se uns aos outros, às vezes sem motivo especial, sem precisarem de esperar por um aniversário ou qualquer outra ocasião para festejar. E se eu os convidasse para virem cá, pelo menos uma vez…, pensou.

Ele nunca tinha convidado ninguém para nada.

Voltou a abrir os olhos, coçou-se entre os espinhos da nuca, matutou um pouco mais e depois escreveu uma carta:

Caros animais,
Convido-vos a todos a virem visitar-me.

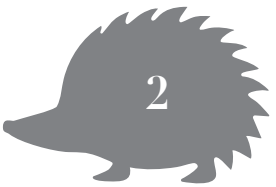
Roendo a caneta, coçou mais uma vez a nuca e depois escreveu no fim:

Mas se ninguém vier, também não faz mal.

Franziu o sobrolho. Se lerem esta carta, não vão dizer: «O ouriço não quer mesmo visitas…»? Ou talvez: «Depressa, vamos já visitá-lo enquanto ele ainda quer; o ouriço está sempre a mudar de ideias…»?

Não me consigo decidir, disse ele a si próprio.

Pôs a carta numa gaveta do armário e abanou a cabeça. Não a vou enviar, decidiu. Ainda não.



Ainda não. O ouriço sentou-se de novo à janela e pensou naquelas duas palavras. *Ainda* e *Não*.

Era como se estivessem a dançar dentro da sua cabeça. O *Ainda* olhava em redor com incerteza. O *Não* andava às voltas com passos cuidadosos.

O ouriço fechou os olhos. Agora consigo vê-las melhor, pensou. O *Não* agarrou-se ao *Ainda* e o *Ainda* aconchegou-se ao *Não*. Estavam a dançar e só tinham olhos um para o outro.

Mas, de repente, a porta abriu-se e entrou outra palavra. É o *Nunca*, pensou o ouriço. Usava um longo casaco que esvoaçava atrás dele.

O *Nunca* aproximou-se do *Ainda* e do *Não*, espremeu-se entre eles e juntou-se à dança. O ouriço suspirou. Parecia que tinha entrado ali algo invisível.

Passado algum tempo, o *Nunca* foi-se embora e o *Sempre* entrou de rompante. Usava um chapéu e um sobretudo de inverno, grosso e acolchoado, e também ele se enfiou entre o *Ainda* e o *Não*.

O ouriço sentia o coração a bater com imensa força. Era como se as palavras dançassem na sua direção, atravessando-lhe os pensamentos, e esperassem algo dele. Como se fosse

suposto fazer alguma coisa com elas. Mas ele não sabia exatamente o quê.

As três palavras saltaram para cima da mesa e continuaram a dançar, cada vez mais depressa, cada vez mais intensamente. O ouriço não suportava vê-las e estava prestes a fechar os olhos da sua mente e a abrir os olhos verdadeiros. Mas, de repente, o *Sempre* desapareceu.

O *Ainda* e o *Não* desceram da mesa e ficaram indecisos, a olhar um para o outro. Mais dança? O *Não* levantou as sobrancelhas. Tinha vontade, mas o *Ainda* abanou a cabeça.

O ouriço ouviu um barulho lá fora. A porta abriu-se de novo e o *Nunca* voltou a entrar com o *Uma Vez*. Estavam eufóricos. Saltavam e cantavam. Ambos usavam uma estranha pena vermelha na cabeça.

O *Nunca* e o *Uma Vez* agarraram o *Ainda* e o *Não,* e, no mesmo instante, acalmaram-se e começaram uma dança lenta a quatro.

Anoitecera, e o quarto do ouriço tinha ficado escuro.

Ainda não nunca uma vez, pensou o ouriço, e o *Ainda* rodopiou com o *Não*. Apenas uma vez. Apenas uma vez.

De repente, tornou-se gloriosa a forma como dançavam juntos. Dancem assim para sempre, desejou o ouriço. Porque, além daquelas palavras, era tudo escuridão.



Jogos, pensou o ouriço, reabrindo os olhos. Vê se te controlas. Estamos a falar de visitas, e as visitas não são um jogo.

Deitou-se na cama e pensou na carta que estava na gaveta do armário. Talvez os animais respondam que não podem vir. Todos eles. Terão as suas razões.

O ouriço já conseguia ver dezenas de cartas a entrar por baixo da porta. Apanhou-as e leu-as uma a uma:

— Se eu for visitar-te, quero um bolo de mel com três andares, coberto de glacê e com uma fonte de chantili em cima, sob um céu de pasta cremosa, mas acho que não vou conseguir aparecer.

— Fui visitar-te no outro dia, mas não abriste a porta. Espiei pela janela e vi-te a rastejar para debaixo da cama.

— Obrigado pelo convite! Um convite para uma visita! Vindo de ti! Que maravilha! Fiquei muito feliz quando li a carta! Ouriço, visite o ouriço… Mas não posso.

— Acho que não vou poder ir. Só não sei ainda o motivo.

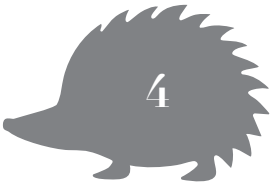
— Estarei aí em pensamento.

— Os meus melhores votos, em vez de uma visita.

O ouriço suspirou. Claro que ninguém virá. Empilhou as cartas no chão, ao lado da cama, e virou-se de costas, sentindo-se aliviado e triste ao mesmo tempo. Fui feito para ser

solitário, pensou, assim como fui feito para ser espinhoso. Se tivesse asas em vez de espinhos, não seria tão solitário. Voaria para onde quisesse e nunca mais sentiria saudade de nada.

Ele queria dormir, mas não conseguia. Talvez todos venham, afinal, concluiu. Estremeceu, levantou-se e preparou um chá. Duas chávenas.



Depois de beber o chá, o ouriço tirou a carta da gaveta e releu-a.

Talvez eles venham imediatamente, supôs. Todos de uma só vez. Logo pela manhãzinha.

Sentiu um arrepio a percorrer o seu corpo e pousou a carta. Já conseguia ouvir os animais a aproximar-se. A floresta parecia vibrar de excitação.

Eles estavam a aglomerar-se em frente à porta, gritando: «Ouriço! Estamos aqui! Os teus visitantes! Obrigado pelo convite! Viemos todos! Não falta aqui ninguém!»

Empurraram a porta e invadiram a casa. A maioria caminhava, voava ou rastejava, mas o lúcio e a carpa, e, um pouco mais tarde, a baleia e o tubarão, nadaram em grandes ondas que trouxeram consigo para a ocasião.

— Que divertido, ouriço! — gritaram todos. — Tens chá? E bolo?

Havia demasiados animais aos quais servir chá. E havia apenas um pequeno bolo, já a estragar-se. O ouriço encolheu os ombros, impotente.

— Não importa — berraram —, vamos apenas dançar.

Puseram os braços nos ombros uns dos outros e dançaram em redor da mesa, cantando: «Somos os visitantes… somos os visitantes… somos os visitantes do ouriço. Viemos todos e não precisamos de comer.»

— Mas vocês não têm medo de mim? — perguntou o ouriço, erguendo os espinhos o mais que podia.

— De forma alguma — exclamaram. — Estamos demasiado felizes para ter medo.

Em pouco tempo, o chão cedeu sob as patadas de dança, abrindo um buraco por onde a toupeira e a minhoca puderam rastejar por ali dentro, anunciando que também se juntariam à festa. Trouxeram bolos de lama que, segundo eles, se conservavam bem durante anos, mas que também podiam ser comidos imediatamente, se assim preferissem.

— Quem esperava algo assim? — perguntaram todos.

Eu não, pensou o ouriço. E saiu sorrateiramente, rastejando para os arbustos atrás da casa.

Logo depois, os animais pararam de dançar, percebendo que o ouriço tinha desaparecido.

— Ouriço, ouriço! — berraram.

Os gritos ouviam-se muito para lá da floresta, e logo o camelo e a térmita vieram a correr desde o deserto. Não queriam ficar de fora.

— Ouriço, ouriço, ouriço… — continuaram a gritar em conjunto.

Mas o ouriço rastejou cada vez mais para dentro dos arbustos. Abanou a cabeça, mudou «convido-vos a todos» para «convido um de vós», acrescentou «no máximo» e leu a carta outra vez.



Não, raciocinou ele, ainda podem aparecer todos ao mesmo tempo. Roeu a caneta e ponderou. Se eu não enviar, ninguém virá. Isso é certo. Eles não aparecerão sem ser convidados.

Vincos profundos apareceram-lhe na testa. Eles têm medo de mim, pensou. Só que não se atrevem a admiti-lo. Têm medo dos meus espinhos. Quando se reúnem, dizem uns aos outros que, aconteça o que acontecer, nunca virão visitar-me.

— Eu visito qualquer pessoa. Mas não o ouriço.

— Eu também não.

— São aqueles espinhos…

— Sim, aqueles espinhos terríveis…

— Sabes para que servem?

— Não.

— Para nos assustar.

— A sério?

— Sim.

O ouriço guardou a carta novamente.

Eles têm razão, pensou o ouriço. Eu assusto-os. Estremeceu e, por um momento, os espinhos balançaram da esquerda para a direita. Era como se houvesse alguém dentro do seu corpo

a correr de um lado para o outro e a abaná-lo aqui e ali, tentando sair.

Mas eu não sou nada assustador, considerou.

O ouriço sentiu vontade de abrir a porta e correr lá para fora, meter-se em bicos de pés e gritar: «Animais! Sou eu! O ouriço. Sou muito simpático. Não sou assustador!»

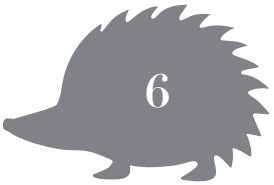
Eles abririam os olhos e responderiam todos: «Ouriço! Tens razão! Não metes medo a ninguém! Não nos conseguirias assustar, mesmo que tentasses! És o animal mais gentil que conhecemos. Se nos convidares, iremos todos visitar-te. Esses teus espinhos não são nada de especial, afinal…»

O ouriço sentiu sulcos ainda mais profundos a formar-se entre os espinhos na sua testa e escreveu uma nota de rodapé no final da carta:

Os meus espinhos não são nada de especial.

Roeu a caneta, ponderou por um longo tempo e voltou a guardar a carta na gaveta.

Os meus espinhos são especiais, pensou. Os meus espinhos são mesmo muito especiais. Depois acenou com a cabeça. Ainda mais especiais do que eu.



Talvez os animais estejam a visitar-se uns aos outros neste preciso momento, deduziu ele, pouco tempo depois. Talvez estejam a perguntar uns aos outros:

— A propósito, por acaso vais visitar o ouriço em breve?

— Não, e tu?

— Não, eu também não. Não fui convidado.

— Eu também não.

— É uma pena, não é?

— Sim, uma grande pena.

— Se ele me convidasse, eu iria.

— Eu também.

— Depende dele.

— Sim. Se ele não nos convida, nós também não o convidamos.

— Não, não convidamos.

Os animais estão a encolher os ombros. Agora. Neste exato momento. Em toda a parte. Na floresta. No mar. No deserto. Por trás das nuvens. Toda a gente a visitar toda a gente. Exceto a mim. Estão todos a dançar uns com os outros e a falar de mim e a encolher os ombros.

Desolado, o ouriço saiu para averiguar se conseguia ouvir o barulho de alguma festa, nalgum lugar. Mas a floresta estava

silenciosa. Muito ao longe, ouviu o elefante a cair de uma árvore e, um pouco mais perto, a rã a tentar coaxar algumas notas que não conseguia alcançar.

O ouriço pensou: talvez todas essas visitas tenham acabado, talvez já não sejam permitidas. Imaginou enormes placas com:

A PARTIR DE AGORA,
AS VISITAS SÃO ESTRITAMENTE PROIBIDAS

e

A PARTIR DE AGORA,
RECEBER VISITAS É ESTRITAMENTE PROIBIDO

Talvez ninguém volte a visitar ninguém e apenas se escrevam cartas, mas cada vez com menos frequência e cada vez mais curtas:

Olá, ouriço.
Era só isso.

e

Querida mosca,
Sou eu.

e nada mais.

Naquele caso, o ouriço não teria de convidar ninguém.

Levantou as orelhas e prestou atenção. Pareceu-lhe ouvir suspiros de tristeza, à distância, vindos de várias direções, porque não havia nada que os animais gostassem mais de fazer do que visitas uns aos outros; e de escrever cartas.

Mas a lei é a lei.

O que devo fazer, questionou-se ele. Tirou a carta da gaveta, leu-a duas vezes, olhou para os dedos dos pés, pensou no assunto e voltou a pô-la no mesmo lugar.

Não sei, pensou.